

DAS IMAGENS ÀS IDEIAS: A EDUCAÇÃO COMO TRANSIÇÃO ENTRE OS DOIS MUNDOS PLATÔNICOS

Damião Fernandes dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo constitui-se uma pesquisa teórica bibliográfica. O principal objetivo da mesma, consiste em um estudo a respeito do pensamento educacional de Platão e sua possível contribuição para nosso atual modelo de ensino, tendo como base uma de suas principais obras, A República, com ênfase no livro VII, onde o autor descreve sua teoria do conhecimento e Paidéia. Levando em consideração o contexto em que o autor está inserido, serão abordados os dois momentos da educação platônica descritos na alegoria da caverna: o primeiro, relativo a um processo de elevação visando à contemplação do bem, representado pela saída da caverna e o segundo, concernente a um processo de regressão que implica saber como proceder em meio aos cidadãos, metaforizado pelo retorno à habitação subterrânea. Procurando sistematizar as principais idéias aí contidas, mostrar-se-á que essas duas direções são, segundo Platão, necessárias para que se efetive uma educação plena por ele planejada para os futuros guardiões da cidade – os filósofos. Tendo a clara noção de que tal ideal seria muito dificilmente atingível, Platão deixa evidente na própria alegoria que o processo de ascensão da alma constitui um longo e gradual percurso, com diferentes estágios, e um amplo currículo, caracterizando-se como um elevar-se para além das experiências sensíveis, a fim de alcançar a sabedoria suprema – a ciência do bem. Ao propormos tal discussão, este trabalho pretende inserir-se no debate acerca do tema – A Educação em Platão – e retomar, uma vez mais, a contribuição de um pensador da maior relevância para a Filosofia da Educação e com quem ainda temos tanto a aprender.

Palavras-chave: Mito. Educação. Racionalismo.

¹ Graduado em Filosofia e Pós-Graduado em Filosofia da Educação pela FESC-FAFIC. Mestrando em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras.

INTRODUÇÃO

Platão é um dos maiores pensadores da História da Grécia Antiga, onde suas obras alcançaram reconhecimento não somente entre os seus contemporâneos, mas de toda a tradição Ocidental, que o coloca entre os maiores pensadores da humanidade. Importância esta que não está apenas na originalidade de seu pensamento, mas, sobretudo em uma filosofia que possibilitou luzes para os críticos problemas de sua época, a saber, a política, as Leis da cidade-estado e a educação.

A nossa inclinação por esse filósofo se justifica por duas razões. A primeira é que ao pensar nos problemas contraditórios de sua época, ele oferece elementos teóricos que foram capazes de se estabelecerem muito além do seu tempo, chegando a fazer parte da agenda do problemas educacional nas sociedades educacionais modernas. Uma diversidade incrível de temas e reflexões faz de Platão um dos filósofos com maior densidade e profundidade, sobretudo em temas específicos como a política e a educação. Motivo este que o torna célebre entre historiadores e filósofos. A segunda, é que a originalidade da sua filosofia e proposta pedagógica fazem dele criador de uma nova Paidéia com novas referências políticos e filosóficos.

De acordo com o fundador da primeira instituição de educação superior do mundo ocidental, era tarefa exclusiva da educação formar o homem, segundo o critério da racionalidade, para que assim fosse possível responder às questões do homem grego. A educação em Platão tem alcance universal seja qual for a realidade ou qualquer campo de atividade humana, despertando no homem de todos os tempos, um amor pelo conhecimento, pelo saber e, sobretudo instigando-o a buscá-lo, sair da caverna.

Este *saber* que se apresenta como força motriz que gera incessante busca pelo conhecer a verdade em suas causas primeiras, ou seja, aquele saber que gera outros saberes, servindo assim, como matéria prima para outros. É parte essencial do saber filosófico, a indagação do mundo e das coisas. O porquê de tudo, enquanto realidade construída pelo homem ou até mesmo modificada por ele.

Poderíamos afirmar que a prática do filosofar, seria a aproximação metafórica do corpo-a-corpo com o mundo, numa tentativa de contemplá-las, compreende-las e explicá-las, sempre a partir de categorias racionais e indutivas, em busca de uma análise conceitual que satisfaça às indagações previamente elaboradas.

O saber filosófico produzido na Antiguidade tem se apresentado durante séculos como um saber grávido de representatividade conceitual e que traz uma enorme credibilidade, seja pelos fantásticos sistemas filosóficos construídos, seja pela seriedade da análise empregada. O conhecimento filosófico da Antiguidade Ocidental traz em si a superação da ideia de passado como esquecimento. O passado mostra-se vivo e atuante em nossa cultura contemporânea, dada suas concepções representacionais ainda em vigor em nossos dias.

Investigar o conceito de educação na Alegoria da Caverna de Platão torna-se nosso objeto de estudo, o nosso caminho de busca, na ânsia de encontrar neste grandioso filósofo Antigo, em suas construções filosóficas sobre a educação, uma possibilidade de compreensão para o hoje. Buscaremos entrar na “intimidade” de sua Caverna, em meio à escuridão, na tentativa de encontrarmos a luz da verdade das coisas. Trazendo em nós a certeza da validade do pensamento filosófico de Platão e de seus conhecimentos sistemáticos, que para nós sempre se apresenta como plausível, tornando-se importante pensá-lo sempre quando necessário.

Evidentemente que não pretendemos esgotar as perspectivas hermenêuticas sobre o pensamento filosófico platônico, mas buscaremos empreender uma justa situação imbricante do seu pensamento com a realidade cultural da Grécia antiga e perceber que no interior desta relação se encontra, ainda que embrionária, a base sobre a qual se levantou aquilo que tornou-se conhecida como cultura ocidental, sobretudo no campo da educação em seus conceitos e paradigmas basilares. Na seara destas construções conceituais e paradigmáticas da educação, destacamos o desenvolvimento de um modelo de pragmatismo, onde se entende o presente como um resultado das contradições do passado, rejeitando-o completamente e exaltando uma suposta eficiência técnica e imediata.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Lévi-Strauss (Fiske, 1998:177) o mito é uma narrativa ou um discurso, que é tradicionalmente reconhecida como um mito, mesmo que as suas significações e construções conceituais não sejam socialmente partilhadas pelas pessoas que as usam. Essas narrativas míticas trazem em si uma tensão para o futuro, ou seja, o mito em suas concepções originais grega, revelam a possibilidade da existência do metafísico ou a consciência de um outro mundo sobre-humano ou um mundo dos valores axiológicos.

De acordo com (ELIADE, 2011, 123),

Esses modelos são veiculados pelos mitos, aos quais compete acima de tudo despertar e manter a consciência de um outro mundo, do além – mundo divino ou mundo dos ancestrais. Esse outro mundo representa um plano sobre-humano, transcendente, o plano das *realidades absolutas*. É através da experiência do sagrado, do encontro com uma realidade transumana, que nasce a ideia de que alguma coisa *existe realmente*, de que existem valores absolutos, capazes de guiar o homem e de conferir uma significação à existência humana (...). O mito garante ao homem que o que ele se prepara para fazer já foi feito.

Esta definição de Mircea Eliade, revela que ao mito está associado um profundo sentido de sacralidade que interliga-nos á realidades transumanas ou divinas. Saber o que os mitos são é um desafio. Eles continuam a esconder um significado misterioso através das análises, as mais variadas, e uma infinidade de definições e explicações têm sido propostas. O mito teria uma forma alegórica que deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico. A partir desta ideia podemos pensar que o mito carrega consigo uma mensagem que não está dita diretamente. Uma mensagem cifrada, mas que nem sempre o que ele tenta dizer está explícito literalmente. Aos eruditos e aos não-especialista é difícil encontrar uma definição que agrade ao mesmo tempo tanto a um quanto a outro.

Ainda de acordo com (ELIADE, 2011 p.11),

Seria difícil encontrar uma definição do mito que fosse aceita por todos os eruditos e ao mesmo tempo, acessível aos não-especialistas. Por outro lado, será realmente possível encontrar uma única definição de cobrir todos os tipos e todas as funções dos mitos, em todas as sociedades arcaicas e tradicionais? O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: O mito conta uma história

sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. (...) O mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento; uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição.

A mitologia grega a partir de suas características próprias, influenciou toda a construção histórico-ideológica do Ocidente com as narrativas dos seus mitos extraordinários. Como forma de compreensão e explicação do mundo, as narrativas míticas estão para além de uma metamorfose semântico ou linguístico circunstancial, pelo contrário, os mitos trazem em si possibilidades diversas de polissemias de sentidos escatológicos.

A Mitologia Grega é um “intertexto”, porque se constitui de todas as representações de mitos já experimentadas e em cada nova representação ganha seu sentido a partir de como está posicionada em relação a esta totalidade de apresentações prévias.²

O pensador Dowden, em sua obra *Os usos da mitologia grega*, revela que se torna necessária à compreensão da mitologia grega, uma análise histórico-cultural da realidade e de suas representações simbólicas estruturais. A mitologia grega apresenta como uma de suas principais características o apelo ao sobrenatural, ao mistério, ao sagrado, á magia.

O mito é um enigma com múltiplos sentidos, uma herança nacional que nasce da ideologia de um povo que pensa, teme, deseja e sonha voar mais alto. Estudando-o, conheceremos melhor a sociedade que o criou e descobriremos suas contradições, dúvidas e inquietações. O mito é um espelho que reflete a imagem e os pensamentos de uma sociedade através de suas crenças.³

Como afirmamos em outra ocasião, a filosofia desde seu início, procurou estar sempre contra a estrutura de um desse tipo pensamento mítico, ou seja, baseado, aquele que se fundamenta no absoluto, fantástico e imaginário. Mas ao mesmo tempo alguns pensadores aceitavam o essencial desse tipo de pensamento mítico, e com um modelo de pensamento racional, sistemático e rigoroso, tentavam desmistificá-lo.

² DOWDEN, K. *Os usos da mitologia grega*. Papirus, 1994. P.19-20

³ Cf. Vanessa MARQUES, *Platão como semente de uma Sociedade Mítica. Projeto de Iniciação Científica*, p.6

A partir dessa tentativa de desmistificação, ocorre dentro da história da filosofia antiga a passagem do pensamento mítico para o filosófico, onde alguns historiadores batizaram de milagre –grego.

A compreensão filosófica do mito põe, fundamentalmente, a questão do seu sentido. Esse modo de compreender o mito se diferencia das tentativas de aproximação do fenômeno feitas pelas ciências humanas, como a etnologia, a sociologia, a antropologia cultural, e distingue-se também das interpretações religiosas e esotéricas do mito. O pressuposto fundamental da compreensão filosófica do mito é que ele, antes de tudo, é palavra ou uma das formas do discurso humano. Fica, portanto, claro, desde logo, que o estereótipo oposição irreconciliável entre *mythos* e *logos* é sem fundamento para uma genuína compreensão filosófica do fenômeno. Prova disso, segundo Clémence Ramnoux, é o fato de que, pelo menos na assim chamada era arcaica da Grécia, o mito, no sentido de “narrativa sagrada”, é praticamente equivalente a um *lógos* qualificado de *hieros*. É certo que o *lógos*, assumindo progressivamente, na era clássica, o sentido de “discurso regrado” e, a partir daí, o de “raciocínio” que remete à “razão”, ao “cálculo” e à “medida”, assumiu um uso filosófico que tendia a se opor ao mito como narrativa sagrada. Entretanto, antes de chegar a uma oposição, *mythos* e *lógos* estiveram unidos, pelo menos segundo a antiga etimologia que identifica *mythos* e palavra.⁴

O mito grego, revela-se como aquela narrativa sagrada sobre a história, a cultura, a religião e diversos outros aspectos da vida dos homens. O mito pode ser visto também como uma narrativa humana da realidade, originada a partir da observação da curiosidade e da fantasia. O mito representa a primeira fala sobre o mundo, uma primeira atribuição de sentido ao mundo, sobre a qual a afetividade e a imaginação exercem grande papel e cuja função principal não é a explicação da realidade em todo rigor lógico, mas é a busca por acomodar o homem ao meio em que vive. O pensamento mítico pode ser considerado no contexto da história da filosofia como o primeiro passo da filosofia, como uma ruptura radical entre ambos.

Isso pode ser ratificado pela afirmação do professor Danilo Marcondes:

O pensamento filosófico - científico representa assim uma ruptura bastante radical com o pensamento mítico, enquanto forma de explicar a realidade. Entretanto, se o pensamento filosófico - científico surge por volta do séc.VI a.C., essa ruptura com o pensamento mítico não se dá de forma completa e imediata. Ou seja, o surgimento desse novo tipo de explicação não significa o desaparecimento por completo do mito, do qual aliás sobrevivem muitos elementos mesmo em nossa sociedade contemporânea, em nossas crenças, superstições, fantasias etc., isto é, em nosso imaginário. [...]

⁴ Cf. Marcelo PERINE, *Mito e Filosofia*.p.3

Contudo, sua influência permanece, mesmo em escolas de pensamento filosófico como o pitagorismo e na obra de Platão.⁵

E ainda sobre a possibilidade da racionalização do mito pelo pensamento filosófico e das suas relações de unidade arquitetônica, afirma (CHAUI, 2002, p.35-37),

O mito recebe da filosofia a forma lógica ou a conceituação lógica, enquanto a filosofia recebe do mito os conteúdos que precisam ser pensados, de sorte que devemos considerar a história da filosofia grega como processo de progressiva racionalização do mundo presente no mito. Haveria, assim, uma unidade arquitetônica ou uma conexão orgânica entre mito e filosofia, própria dos gregos e somente deles. Se Tales de Mileto afirma que o princípio originário de todos os seres é a água, não seria justamente porque os poetas homéricos afirmavam que o deus Oceano era a origem de todas as coisas? A filosofia nasce como racionalização e laicização da narrativa mítica, superando-a e deixando-a como passado poético e imaginário.

No livro VII da obra *A República*, sobretudo em seu texto a Alegoria da Caverna, é possível perceber que Platão, faz uso do mito como recurso pedagógico com duplo valor semântico, qual seja, uma dimensão de narração e experiência vivida, apresentando-se como uma sabedoria da vida cotidiana e um outro como saber que busca justificar o ser humano e o mundo, fundando-os no que é temporal-sensível e lhes dando um sentido metafísico.

Não há dúvida que no pensamento filosófico platônico, o mito apresenta-se como uma privilegiada forma de saber, de conhecer e que portanto possui referência e sentido. Um mito racionalizado que pretende dar justificação à totalidade da existência do ser humano que começa a despertar do sono da inocência, ignorância e do encavernamento.

Como diz Luís Cencillo,

O mito, antes de tudo, cria uma *base de compreensão*, em forma de *esquemas mentais* e de modelos *gestálticos*, para que o ser humano organize, *dirija* e ilumine a experiência bruta de si mesmo, do cosmo e dos acontecimentos eventuais (destino, providência, progresso, projeção escatológica, etc) nos quais o ser humano se vê envolvido e comprometido. Assim se vão formando, graças ao mito, umas *constelações representativas* e uns *pontos de orientação* estético-éticos capazes de sustentar a *ausência de fundamento* radical do ser humano e sua *desorientação original* em meio a uma realidade polivalente.⁶

⁵ MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia – dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*, 5ª edição. Ed. Jorge Zahar, RJ. 2000 p. 21, **grifo nosso**.

⁶ Cf. CENCILLO, L. Mito. Semântica e realidade. Madrid, 1970. p.438, **grifos do autor**.

Com isso, percebemos que o mito, surge como uma antecipação a um conhecimento mais formalizado e sistematizado em bases cognitivas e dialéticas. A significância do mito não se esgota, porque a realidade a que ele alude é uma realidade metafísica e por que não dizer transcendental, enquanto se refere à realidade do ente, do ser humano em sua totalidade. A partir disso, não torna-se possível a tentativa da negação de que o mito transfere o homem para o mundo do mistério, portanto, para a esfera de um mundo real que está fundamentado no sagrado.

Nesse contexto, afirma (ELIADE, 2011, p.11),

Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.

Em outra obra, o historiador e mitólogo Mircea Eliade⁷, chega a afirmar que o Platão, pode ser considerado o filósofo por excelência da mentalidade primitiva⁸. Essa perspectiva justifica-se porque o historiador está convencido do grande êxito que teve Platão na perspectiva em valorizar filosoficamente os modos de existência e de comportamento da humanidade arcaica, em cuja ontologia, as coisas adquirem realidade pela repetição ou participação.

De fato, em alguns diálogos platônicos, na *República*, no *Político* e nas *Leis*, apresentam temas significativos que ilustram bem essa mentalidade. Tais como poderíamos aqui pontuar: a crença no paraíso perdido, que nos remete a uma idade de ouro e introduz a ideia de queda; a concepção cíclica do tempo - pensamos no mito das revoluções cósmicas do *Político*; o esquema da decadência dos regimes na *República* e no *Político*, a reconstrução, conjectural, dos períodos da história da humanidade, nas *Leis*, para citar alguns. No clássico texto do mito da caverna, discutiremos os termos em que os mitos são úteis para reforçar as teses principais do filósofo acerca da educação.

⁷ Le mythe de l'éternel retour - Archétypes et répétition. Gallimard, 1949, pp. 63-64

⁸ Sobre o tema, cf. também L. Robin. *Quelques survivances dans la pensée philosophique des grecs d'une mentalité primitive*. REG, XLIX, 1936, pp. 255-293.

A EDUCAÇÃO ENTRE DOIS MUNDOS

Na história das literaturas clássicas, duas alegorias merecem grande destaque pela importância: o mito da caverna na República de Platão e a história do estômago e seus membros no discurso de Menenius Agrippa. Para o nosso trabalho, interessamos a primorosa *Alegoria da Caverna* de Platão, escrita a mais de 2.500 anos atrás e continua ainda a inspirar inúmeras reflexões sobre a condição humana. Trata de um diálogo metafórico entre Sócrates e seus interlocutores, Glauco e Adimato, que são os irmãos mais novos de Platão. Julgamos importante dar-mos uma breve explicação sobre a importância do mito em Platão.

Continuam, sobretudo no pensamento platônico, como referência cultural importante, inclusive como fornecedor de imagens, metáforas ou recursos de estilo para os filósofos. É este o sentido e o papel do mito nos diálogos platônicos.

Platão, assim com a maioria dos filósofos de sua época, constroem suas doutrinas sofrendo ampla influência das construções míticas da sociedade Grega de sua época, e a partir disso, buscando projetar sobre estas construções, luzes racionais. Como sabemos: A filosofia Platônica parte do pensamento socrático, ou seja, toda ela é impregnada pelo recurso do discurso dialético e da argumentação numa perspectiva da construção do conhecimento que tem por base conjecturas sobre crenças mitológicas e o desenvolvimento do conhecimento racional, evidenciando assim um tipo de unidade arquitetônica entre mito e filosofia.

Platão, partindo de uma construção simbólica e mitológica da Alegoria da Caverna, estabelece a existência de dois mundos ou de duas realidades, a saber, o mundo das coisas sensíveis e o mundo das Idéias. Segundo o texto platônico, a maioria da humanidade vive em completa condição de ignorância e “entrevamento”, ou seja, vivendo segundo a apreensão da realidade do mundo ilusório, as coisas efêmeras e por isso não se constituem como objetos de conhecimento.

O homem se encontra condenado – dentro do mundo das coisas sensíveis, o mundo das sombras- a entender a realidade a partir das sombras que ele vê passar por trás da parede, onde a partir disso, julga ser a verdade das coisas. É o que nos atesta o filósofo alemão Werner Jaeger:

[...] por trás desta parede passa gente carregada de vários objetos e figuras de madeira e de pedra, alguma vezes em silêncio e outras falando. Estes objetos são mais altos que o muro e o fogo projeta-lhes a sombra na parede

interior da gruta. Os prisioneiros, que não podem voltar a cabeça para a saída da gruta e que, portanto, nunca viram senão as sombras durante a vida inteira, é natural que as considerem como a realidade, e quando, ao vê-las passar, ouvem o eco das vozes dos portadores, julgam ouvir a linguagem das sombras.⁹

Quando o homem – a humanidade – é liberto da sua condição de prisioneiro, onde ele é obrigado a endireitar-se e voltar o pescoço, caminhar e voltar o olhar para a luz, ele é ofuscado por essa mesma luz - a luz da fogueira. Para Platão, essa luz tem o significado da verdade, ou seja, o prisioneiro que antes somente via as “sombras”, as imagens, encontra-se agora na possibilidade de contemplar a verdade, de modo que essa contemplação lhe cause dor nos olhos, que em Platão é estabelecido como um instrumento para o saber.

Na medida em que ele vai saindo da Caverna, passo a passo ele vai contemplando as sombras no fundo da caverna e pouco a pouco vai procurando se habituar às novas realidades e pouco a pouco alcançando o conhecimento das coisas, habituar-se-á a ver o mundo. A encantar-se e deslumbrar-se com a realidade. Dessa forma o prisioneiro passa da sua ignorância para a opinião e depois para o Conhecimento.

É o que podemos constatar com as palavras do próprio Platão,

Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu do que, durante o dia, o sol e a sua luz.¹⁰

Quando o homem tentando voltar para a Caverna, os seus olhos terão sérias dificuldades em relacionar-se com as trevas. Ele terá mais dificuldade em habitar-se às trevas do que teve inicialmente em habituar-se à luz. O caminho de retorno à caverna será tão doloroso quanto foi o caminho para sair dela. Pois agora de volta, ele correrá o grave risco de primeiro, entrar em competição, discordância com os outros prisioneiros e segundo, poderá até mesmo ser morto por aqueles que ainda vivem sob o peso de suas correntes.

Vejamos em suas palavras o que nos diz o próprio Platão:

⁹JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. p. 883.

¹⁰ Platão, *A República*, Livro VII. p. 227

E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se a alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria, se pudesse fazê-lo?¹¹

O mito platônico, entre outras realidades abordadas, procurou mostrar que o caminho do conhecimento é sempre doloroso. O homem precisa construir sua *doxa* filosófica¹², para que depois ele possa erguer-se do fundo da caverna para ter relação com as imagens exteriores a ela e a partir alcançar o Conhecimento. Esse conhecimento não limitar apenas a descobrir apenas a verdade das coisas, mas sobretudo chegar à contemplação das idéias morais que exercem regência na sociedade: O bem, O belo e a Justiça.

Platão procura deixar bem claro para seus discípulos acerca do processo que ocorre da passagem da ignorância para a sabedoria. Nesta metáfora, fica bastante claro a busca indiscriminada pela verdade. Alguns autores falam aqui da existência das teorias das Idéias de Platão, ou seja, a doutrina do mundo das Idéias. Para o pensador Grego, há a existência de dois mundos: o mundo sensível e o mundo Inteligível.

Ainda para o teólogo do mundo clássico¹³, o homem somente chega a verdade quando este passar por dois níveis: o do conhecimento sensível e o conhecimento intelectual. E este processo necessariamente passa por diversos estágios:

Aprensão das imagens: aqui se apresenta o conhecimento específico dos sentidos. Apreendemos pelas sensações, pelos sentidos: pelo olhar, pelo tato, enfim...Aprensão das coisas sensíveis, apostando na realidade possível dos objetos sentidos: nesse estágio pode-se supor que aquilo que os sentidos captam seja verdade. Conhecimento raciocinativo: começaria nesta fase um processo de investigação, no qual a busca pela veracidade ou não dos sentidos se daria. Conhecimento direto: por fim, a última etapa na busca da verdade. Aqui é o conhecimento próprio, sem intermediários, indubitável: Essas etapas mostram a relação entre o mundo visível e o

¹¹ Idem, p.228

¹² A **doxa** reside dentro da famosa caverna de Platão. A *doxa*, por sua vez, é o lugar do sensível, do engano e do engodo, da mera opinião, uma vez que, preso dentro da caverna e das sombras, só se podem ver as coisas não como elas verdadeiramente seriam, mas somente como elas se apresentam aos nossos sentidos de *per si* limitados e, como se não bastasse, submetidos, em segunda instância, ao jugo do tempo e do espaço. Platão fundou uma desconfiança grave no valor da *opinião*, termo que se pode tomar como sinônimo de *doxa*.

¹³ JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. p. 873

mundo inteligível, sendo o primeiro uma sombra do segundo. Portanto, podemos afirmar que, durante a descrição do mito, as fases pelas quais a visão do sujeito passa são as fases pelas quais passa a razão. As duas primeiras etapas pertencentes ao mundo sensível significam as etapas de conhecimento, nas quais ocorre a construção do doxa. As etapas pertinentes ao mundo inteligível se referem ao processo epistemológico.

Em Platão, esses estágios de ascensão ao conhecimento verdadeiro se constituem na sua concepção dialética, que consiste primeiro, na negação daquilo que no homem apresenta-se como simples opinião, porque justamente é proveniente das imagens e dos sentidos e segundo na busca por um nível de conhecimento superior que, somente, poderia ser encontrado no mundo metafísico de contemplação das ideias.

Portanto, esse belíssimo texto da alegoria da caverna, faz com que os leitores de Platão construam uma relação com a sua teoria do conhecimento, que compreende uma ascensão em direção à contemplação das ideias verdadeiras, próprias dos sábios, com o processo de libertação do prisioneiro com a saída de seu estado de ignorância e encavernamento do mundo da opinião para o estado de sabedoria que só é possível no mundo inteligível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões precedentes, chegamos à conclusão pertinente, que o conjunto do pensamento teórico-filosófico platônico, principalmente aquele que diz respeito ao seu corpo Paidético sobre o conhecimento e suas relações intrínsecas com uma conversão da alma na direção de um saber inteligível que ensina um novo tipo de visão e que orienta o olhar, configura-se a base onde se fundamenta profundamente o pensamento e a Cultura Ocidentais.

Por eles, a educação tornou-se sinônimo de cultura do espírito, sendo pensada como um meio de livrar o homem de sua natureza corpórea e mundana, na qual estaria aprisionado. Ao mesmo tempo, a educação foi concebida como um dos modos de submeter o pensamento humano a uma ordem objetiva e a uma Razão divina: guias daquele homem que aspira à virtude e busca viver em uma vida pública, exercendo plenamente a sua liberdade. Temos em Platão, a educação, não apenas como finalidade moral ao prescrever ao homem um conjunto de saberes, de costumes

e de leis instituídas em conformidade com um ideal de racionalidade e de justiça, mas também desempenha esse papel político, ao fazer da restrição imediata da liberdade a mediação necessária para o pensamento filosófico e, com ele, para se alcançar a verdadeira liberdade na cidade justa.

Assim, o pensamento platônico constrói e ao mesmo destrói um tipo de paradoxo entre a educação como um livre desenvolvimento das faculdades naturais e ao mesmo tempo como um processo de restrição dessa liberdade na medida em que postula uma restrição imediata da liberdade, tendo em vista o seu verdadeiro conceito e o sumo Bem a serem realizados plenamente somente na cidade justa.

ABSTRACT

This article is a literature theoretical research. The main purpose of it, is a study about the educational thought of Plato and its possible contribution to our current education model, based on one of his major works, The Republic, with emphasis in the book VII, where the author describes his theory of knowledge and Paideia. Taking into account the context in which the author is inserted, the two moments of Platonic education described in the cave allegory will be addressed: the first, on a lifting process to the contemplation of good, represented by the exit of the cave and the second, concerning a process of regression that involves knowing how to proceed among the citizens, metaphorized the return to the underground room. Looking systematize the main ideas contained therein, will show that these two directions are, according to Plato, needed to be made effective full education for it planned for future guardians of the city - the philosophers. Having a clear understanding that this ideal would be very difficult to reach, Plato makes evident in the allegory that the soul ascension process is a long and gradual journey, with different stages, and a broad curriculum, characterizing a rise in addition to sensory experiences in order to attain the supreme wisdom - the knowledge of good. In proposing such a discussion, this study intends to be part of the debate on the subject - Education in Plato - and resume once again, the contribution of a thinker of great importance to the Philosophy of Education and with whom we still have so much to learn.

Keywords: Myth. Education. Rationalism

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi, 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

CENCILLO, L. **Mito. Semântica e realidade**. Madrid, 1970.

CHAUÍ, M. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Companhia da Letras, 2ª edição ampliada. Vol.1.2002.

DOWDEN, K. **Os usos da mitologia grega**. Papirus, 1994

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
_____. **Aspectos do mito**. Trad. de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1989.

JAEGER, J. **Paideia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001
_____, *Werner*. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia – dos Pré-Socráticos a Wittgenstein, 5ª edição**. Ed. Jorge Zahar, RJ. 2000

PLATÃO, **A república**, São Paulo, Martins Fontes, 2006. PERINE, Marcelo. **Mito e Filosofia**, in Revista PHILÓSOPHOS, v. 7, n. 2, Goiânia, UFG, 2002.

REALE, G. **História da filosofia antiga. I. Das origens a Sócrates**. Tradução de M. Perine. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **História da filosofia antiga. II. Platão e Aristóteles**. Tradução de H. C. de Lima Vaz e M. Perine. São Paulo: Loyola, 1994.